

Movimentos especulativos em torno de bioindicadores de mídias e mudanças climáticas ou de como dar ao humano a mais intensa potência de existir

Speculative movements around media biomarkers and climate change or how to give to the human the most intense power to exist

Movimientos especulativos en torno de biomarcadores de médios de comunicación y cambio climático o de cómo dar a lo humano lo más intenso poder de existir

Susana Oliveira Dias | susana@unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. Campinas, SP. Brasil.

Carolina Cantarino Rodrigues | carolcantarino@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. Campinas, SP. Brasil.

Resumo

O funcionamento das imagens, palavras e sons na comunicação faz parte do problema da impotência e da expropriação das forças criativas do humano que precisamos enfrentar com as mudanças climáticas. Ao reforçar a percepção de que imagens, palavras e sons são apenas descrições e representações de um mundo que está fora delas, as mídias estão implicadas na gravidade das alterações ambientais e das violentas lógicas que atravessam as relações dos humanos com a Terra, com as coisas-seres do mundo. Para interferir nesse contexto a partir de uma outra política da comunicação, a Sub-rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas, da Rede CLIMA, pesquisa experimentos interativos que visam explorar as potencialidades da comunicação com as mudanças climáticas enquanto uma questão vital. Trata-se de pensar como imagens, palavras e sons podem dar ao humano a mais intensa potência de existir através de novos modos de dizer, escrever e pensar.

Palavras-chave: Política; Comunicação; Ciências; Mudanças climáticas.

Abstract

The operation of images, words and sounds in communications is part of the problem of impotence and expropriation of the human creative forces we must face because of climate changes. Emphasizing the perception that images, words and sounds are only descriptions and representations of a outside world, the media are implicated in the severity of environmental change and violent logical crossing the relationships between humans and the Earth, between things and beings in the world. To interfere in this context from another communication politics, the Science Communication and Climate Change Sub-net – part of the brazilian Rede CLIMA –, researches interactive experiments that aim to exploit the power of climate change communication as a vital issue. Thinking how images, words and sounds can give the human the most intense power to exist through new forms of speaking, writing and thinking.

Keywords: Politics; Communication; Science; Climate changes.

Resumen

El funcionamiento de imágenes, palabras y sonidos en la comunicación es parte del problema de la impotencia y de la expropiación de las fuerzas creativas de lo humano que debemos enfrentar ante el cambio climático. Al reforzar la percepción de que las imágenes, palabras y sonidos son sólo descripciones y representaciones de un mundo que está fuera de ellos, los medios de comunicación están implicados en la gravedad de los cambios ambientales y las lógicas que cruzan violentamente las relaciones entre los seres humanos y la Tierra, las relaciones entre las cosas y los seres del mundo. Para intervenir en este contexto desde una otra política de comunicación, la subred Comunicación y Cambio Climático, de la Rede CLIMA, investiga experimentos interactivos que buscan explotar el potencial de la comunicación en presencia del cambio climático como un tema vital. Se piensa como imágenes, palabras y sonidos pueden dar al humano lo más intenso poder de existir a través de nuevas formas de hablar, escribir y pensar.

Palabras clave: Política; Comunicación; Ciencia; Cambio climático.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores: As autoras participaram igualmente.

Declaração de conflito de interesses: Não há.

Fontes de financiamentos: Este artigo é uma contribuição da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais financiado pelos projetos do CNPq Processo 550022/2014-7, CNPq No. 458257/2013-3 e FINEP Processo 01.13.0353.00.

Histórico do artigo: Submetido: 01.dez.2015 | Aceito: 2.dez.2015 | Publicado: 20.dez.2015

Licença: CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Recis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

“Se você não ouve os gritos dos peixes, não sabe o que é a vida”

Gilles Deleuze

“Quando o rio está começando um peixe, Ele me coisa. Ele me rã, Ele me árvore”

Manoel de Barros

Sim, estamos diante de um problema de sobrevivência e impotência. E sim, devido à gravidade das alterações ambientais, resultantes das violentas lógicas que atravessam as relações dos humanos com a Terra, com as coisas-seres do mundo, amplamente medidas pelos cientistas, e intensamente sentidas pela população devido às secas e inundações recorrentes no Norte, Nordeste e que, agora, atingem o Sudeste do país. E, também, devido ao modo como imagens, palavras e sons participam desses processos, pois cansadas de informar, ordenar e conscientizar, fatigadas de denunciar contradições e vergonhas já dadas, tornam as pessoas mais vulneráveis às mudanças climáticas, produzem *sobrevida* e nos reduzem à *incapacidade* de agir. Se a primeira afirmação flui com certa facilidade ao lidar com um “nós” que já reúne muitos cientistas, filósofos, artistas e pessoas nos mais diversos lugares, a segunda exige uma espécie de movimento forçado, um movimento próprio do pensar, em que é preciso fazer existir um “nós”, um comum, que não está dado, mas que exige um “duro trabalho de composição”¹⁻³.

Se ainda há quem negue o aquecimento global ou sua relação com as ações humanas não é esse o negacionismo que nos preocupa aquiⁱ, mas a negação constante da vida efetuada pelas mídias ao reforçarem a percepção de que imagens, palavras e sons são meras descrições de um mundo-cosmos, que está fora deles, que são meros objetos inanimados, que são meras representações de uma crise climática decorrente de ações humanas que ocorrem apenas fora do papel-tela – dos jornais e revistas, livros, fotografias, telas do computador, TV, pinturas e cinema. Um mundo-cosmos com o qual deveríamos apenas nos reconciliar, objetos que deveríamos controlar e uma crise climática que deveríamos reconhecer. Assistimos ao triste festejar dos consensos e exclusões. Defendemos a ideia de que essa lógica dominante de funcionamento das imagens, palavras e sons faz parte do problema de violação da vida, de expropriação das forças criativas e de colonização do pensamento que precisamos enfrentar. Investir na efetuação da divulgação científica como criação de uma “*geostory*” que, tal como define Latour⁴, não pregaria um retorno à natureza, mas instauraria “zonas metamórficas”, capazes de propor um retorno dos sujeitos e objetos a Terra, pois ambos pensavam ser possível escapar, um por excesso de animação e outro por falta de animação. Um retorno que é pura transformação, transmutação, de formas.

Pois se o que está em questão com as mudanças climáticas globais “é a maneira de se viver daqui em diante”, é preciso problematizar os modos de vida atuais, passando não apenas pelas relações de forças visíveis em grande escala, mas também pelos domínios moleculares de sensibilidade, inteligência e de desejo, como coloca Guattari⁵. Por isso, em vez do cosmopolitismo que pressupõe um mundo já dado, opõe o global e o local, negligencia as relações entre humanos e não-humanos, reduz a politização das mudanças climáticas às negociações infinitas e acordos em fóruns internacionais, queremos desafiar o pensamento a lidar com a relação entre a comunicação e as alterações climáticas enquanto uma “cosmopolítica”³ atravessada pelas potencialidades do que essa relação pode vir a ser.

Trata-se de pensar em como imagens, palavras e sons podem dar ao humano a mais intensa potência de existir diante das mudanças climáticas. O que exige uma outra política da comunicação, que assuma a insuficiência das apostas de conscientização e ajuste do público através do aumento de informações, das propostas de engajamento revolucionárias e sensacionalistas que pressupõem um mundo comum já existente, e se lança no tecer contínuo de alianças imprevistas, de arranjos não pré-fixados, capazes de suspender os julgamentos, de provocar colapsos nos sistemas habituais de pensamento, de interferir na teia

i Várias faces do negacionismo em Danowski (2012) <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/hiperrealismo.html>

sensível das percepções. Uma política capaz de acolher a incerteza e a imprevisibilidade de uma comunicação que cria afetos de efeitos indeterminados⁶. Uma política da comunicação na qual a *indeterminação* é o que constitui sua *precisão*.

Nos diversos experimentos interativos que a Sub-rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas, da Rede Brasileira de Mudanças Climáticas (Rede CLIMA)ⁱⁱ, tem pesquisado e desenvolvido, preferimos não trazer pessoas e grupos enquanto representantes, retratos, vozes ou exemplos de alternativas às percepções dominantes em relação às mudanças climáticas, mas de fazer do espaço-tempo criado por esses experimentos – oficinas colaborativas, exposições multimídia, instalações, reportagens, notícias, entrevistas, vídeos... – a possibilidade de *encontros*, num interesse de pensar a divulgação científica mesma como *encontro entre heterogêneos*. Entre lógicas e conhecimentos distintos que, juntos, mas disjuntivamente, gerem contágios mútuos, tornem-se outros, criem possibilidades de diferenciação contínua dos pensamentos, que façam nascer novos modos de estar junto.

Inventar novos modos de estar juntos é também um problema colocado para as ciências e a comunicação. Por isso, a cada dossiê da Revista *ClimaCom*ⁱⁱⁱ promovemos eventos-oficinas-exposições colaborativas para pensarmos juntos, em co-produção, temas usualmente relacionados às mudanças climáticas como “desaparecimento” e “adaptação”, adentrando por vezes, em territórios não trilhados e sem placas de orientação, já que “...ninguém sabe fazer isso antes de se juntar em composição”⁷

Tais eventos, e a própria revista, são pensados como laboratórios de experimentação cosmopolítica em que ao invés de investirmos em formas e propriedades das coisas-seres do mundo, das ciências, artes, filosofias – círculos em que se encerrou e estabilizou a experiência humana – adotamos o devir, a vida das coisas-seres do mundo. Não existe garantia, fórmula, método, regra ou norma que pré-defina como tais conexões devem ocorrer: elas instituem novas condições de possibilidades para as relações entre conhecimentos, pessoas, informações, imagens e tantos outros seres e coisas que mobilizados nas interações movimentadas pela força das conexões vivas, já que o problema coletivo do “estar junto” consiste em instaurar relações, a cada vez, novas: “Não há um retorno à natureza, só há um problema político da alma coletiva, as conexões de que uma sociedade é capaz, os fluxos que ela suporta, inventa, deixa ou faz passar”⁸.

Diante da acusação reiterada de que a comunicação e a divulgação científicas ouvem unicamente as *vozes* das ciências e dos cientistas; diante da denúncia de que a Ciência é a voz que prevalece quando o assunto são as mudanças climáticas; diante do alerta de que os cientistas falam e a população não ouve – e se propuséssemos uma outra *escuta* com as ciências? E se nos afetássemos efetivamente pelos modos como os cientistas escutam os peixes, árvores, ventos, nuvens, chuvas, pessoas, oceanos, rios, florestas, cidades? Uma escuta que se volte para os ruídos incommunicáveis que excedem os conteúdos e formas já dadas, liberando o ato de escutar do domínio da informação, do suposto de que deve apenas ouvir a opinião dos cientistas.

Ruídos que emergem da fricção entre seres da natureza (florestas, animais, rios, montanhas, ondas), equipamentos tecnológicos (máquinas, softwares, instrumentos) e tantos outros seres a compõem essa rede – formada por seres vivos e não-vivos – envolvida nos procedimentos e práticas dos cientistas, *com* os cientistas. Escutar esses ruídos implica adentrar essa rede, potencializá-la e tecer outras narrativas com as ciências, a comunicação e as mudanças climáticas. Criar uma escuta impossível que enfrente as lógicas de poder que geram a cultura do “sobrevivencialismo” e insistem em separar a cada vez a vida orgânica da vida animal, o não-humano do humano⁹.

ii A Sub-rede e tem como objetivo criar um Sistema de Investigação, Gestão e Experimentação da Informação em Mudanças Climáticas (SIGEI-MC) e promover articulações inovadoras entre pesquisas e pesquisadores das Sub-Redes já existentes na Rede CLIMA, bem como gerar conexões inéditas com as ciências humanas, a comunicação, a educação, a filosofia e as artes, através do estabelecimento de parcerias com investigadores de diversas instituições brasileiras e estrangeiras. Os integrantes e projetos da sub-rede podem ser conhecidos aqui: <http://divulgacaocientifica.mudancasclimaticas.net/>

iii A revista *ClimaCom* Cultura Científica – jornalismo, pesquisa e arte: <http://climacom.mudancasclimaticas.net> é uma criação da Sub-rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas da Rede CLIMA, sob coordenação geral do Labjor-Unicamp e resultante de ações propostas e desenvolvidas pelo grupo de pesquisa e criação multiTÃO com o projeto: “Mudanças climáticas em experimentos interativos: comunicação e cultura científica” (CNPq 85/2013, processo No. 458257/2013-3). Esta pesquisa, além de inserida neste projeto, integra também as ações e resultados dos projetos do CNPq Processo 550022/2014-7 e FINEP Processo 01.13.0353.00.

É a vida que move nossas propostas. A vida como movimento incontrolável de multiplicação das forças criativas de pensamento e ação das pessoas em todos os lugares, a vida como o que não pode ser contida, como o que escapa, precisa escapar. E estas experiências nos fazem pensar que os estudos de indicadores de mídia e mudanças climáticas não como uma questão de fato ou de direito, mas de vida: *bioindicadores*. Em meio a tantos desafios, as pesquisas e intervenções da *ClimaCom* e da Sub-rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas da Rede CLIMA buscam levar a comunicação com as mudanças climáticas ao limite: de um limite concebido como contorno que delimita suas formas e forças – o que ela pode fazer, o que ela é ou deve ser -, queremos transformar essa limitação em intensidade¹⁰, que se expressa por novos modos de dizer, escrever, pensar e habitar o mundo.

Referências

1. Dibley B. Museus e um mundo comum: mudanças climáticas, cosmopolíticas e prática museológica. *ClimaCom*. 11:(2). "Desaparecimento". [citado 20 ago 2015]. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net/?p=3019>
2. Latour B. An attempt at writing a 'Compositionist manifesto'; 2010. [citado 10 set 2015]. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/120-NLH-finalpdf.pdf>
3. Stengers I. La propuesta cosmopolítica. *Rev Pléyade. Dossier Cosmopolíticas*.14; 2014. [citado 7 out 2015]. Disponível em: <http://www.caip.cl/wp-content/uploads/14-Stengers.pdf>
4. Latour B. Agency at the time of the Anthropocene. *New Literary History*. 2014; 45: 1-18. [citado 8 nov 2015]. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/128-FELSKI-HOLBERG-NLH-FINAL.pdf>
5. Guattari F. As três ecologias. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 11 a ed; 2001.
6. Rancière J. O espectador emancipado. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2012.
7. Haraway D. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes Antropológicos*, 17:(35), 27-64; 2011.
8. Deleuze G. Nietzsche e São Paulo. D. H. Lawrence e João de Patmos. *Crítica e Clínica*, São Paulo: Editora 34; 1997.
9. Pelbart PP. Vida nua, vida besta, uma vida. *Trópico. Documenta*. [citado 20 ago 2015]. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>
10. Nodari A. Limitar o limite: modos de subsistência. In: *Os Mil Nomes de Gaia do Antropoceno à Idade da Terra*. Rio de Janeiro; 2014.
11. Danowski D. O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo. *Sopro 70 – Panfleto político e cultural*; 2014. [citado 18 jul 2015]. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/hiperrealismo.html>
12. Latour B. ¿El cosmos de quién? ¿Qué cosmopolítica? In: *Comentarios sobre los términos de paz de Ulrich Beck*. *Rev Pléyade. Dossier Cosmopolíticas*. 14; 2014. [citado 10 out 2015] Disponível em: <http://www.caip.cl/wp-content/uploads/14-Latour.pdf>